HVMANITAS

[Recensão a] De Berti, Raffaele; GAGETTI, Elisabetta; SLAVAZZ I, Fabrizio - Fellini-Satyricon: l'immaginario dell'antico

Autor(es): André, Carlos Ascenso

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/23252>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_62_24

Accessed : 26-Apr-2023 12:10:07

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

humanitas

Vol. LXII
2010

bastante proveitosas, porquanto ajudam o leitor a superar as dificuldades naturais de interpretação e contextualização de uma obra que nos remete para um tempo, uma prática e uma realidade muito distinta daquela que prevalece nos nossos dias. Merece, ainda, uma referência positiva, pela sua enorme utilidade, a completa e actualizada bibliografia disponível na parte final do livro (pp. 269-285).

É, pois, com bastante agrado que saudamos a publicação do *Código Pedagógico dos Jesuítas*, uma obra que representa um modelo de formação integral, no qual foram formadas, ao longo de vários séculos, sucessivas gerações de indivíduos, tanto leigos como religiosos, a quem devemos a transmissão de um valioso legado cultural e civilizacional.

ANTÓNIO ANDRADE

DE BERTI, Raffaele, GAGETTI, Elisabetta e SLAVAZZI, Fabrizio (coords.), *Fellini-Satyricon: l'immaginario dell'antico*. Cisalpino, Istituto Editorial Universitario – Monduzzi Editoriale, S.r.l., 2009, 585 pp. ISBN 978-88-6521-017-8

O diálogo entre as letras clássicas e a literatura e cultura contemporâneas tem sido objecto, nos últimos anos, de múltiplos debates, aturadas reflexões, repetidos estudos e, não raro, acesa controvérsia. Trata-se, sem dúvida, de assunto de justificada complexidade, onde não é fácil encontrar unanimidade nem coincidência de pontos de vista e de metodologias. Se, por um lado, continua a haver quem prefira utilizar como perspectiva a “crítica de fontes”, na busca de similitude de passos, de expressões, de fragmentos, não falta, por outro lado, quem se limite à busca de influências, entendidas estas de uma forma genérica, sem um nível de concretização que a crítica de fontes, por via de regra, requer. Em um e outro caso, parece insistente a procura de resposta a perguntas do tipo teria X lido Y? A ambas as opções parece contrapor-se, desde que a estética da recepção apontou novas matrizes de análise, uma outra: temas e expressões das literaturas clássicas fazem parte, por assim dizer, da cultura que herdámos, que nos chegou com o correr dos séculos, filtrada por um sem-número de leituras, de estudos, de obras, onde se vão replicando sucessivamente, até se lhes perder a origem e, portanto, a dimensão autoral e a identidade primeira. Mas nem por isso essa origem deixa de existir e, portanto, de justificar estudo e atenção. Aquela que pode

designar-se, de um modo simplista, por “influência indirecta” não deixa, de facto, de ser influência, o que vale por dizer que é o garante da perenidade ou da fortuna da criação, ou, por outra, da ocorrência primeira.

A este diálogo, já de si complexo, pode juntar-se um outro: o diálogo entre as várias artes. De que modo se interseccionam entre si? Até que ponto uma determinada arte se replica na outra? Quais as relações de intertextualidade que entre si mantêm, na especificidade de cada uma delas? O estudo dessa relação dialógica é sobremaneira recorrente quando estão em causa duas artes que não menos recorrentemente se cruzam: o cinema e a literatura. Por maioria de razão se justifica a reflexão e o debate, quando está em causa uma obra cinematográfica (e, portanto, uma manifestação artística contemporânea) e uma obra literária; ou, tão simplesmente, uma obra cinematográfica e as culturas clássicas. É sabido, aliás, como a literatura e a cultura clássicas são fonte fecunda de inspiração para os realizadores cinematográficos.

É exactamente neste âmbito que se insere a obra *Fellini-Satyricon* – *L’immaginario dell’antico*, que leva, por subtítulo, a sua explicação detalhada: *Scene di Roma antica. L’antichità interpretata dalle arti contemporanee*. Trata-se de uma publicação que visa trazer a lume os debates realizados numa “Jornada de Estudos”, ocorrida na Universidade de Milão, em Março de 2007, a propósito do notável filme de Federico Fellini.

A principal riqueza da obra (e da jornada que lhe está subjacente) reside na enorme pluralidade de ângulos de visão adoptados, a comprovar que os diálogos de que acima se fala, ou seja, entre a cultura contemporânea e as culturas clássicas e entre o cinema e a literatura e outras artes são refractários a uma análise monolítica, monodisciplinar e, portanto, redutora, antes requerem o contributo de domínios variados da ciência e da estética. Disso nos fornece este *Fellini-Satyricon* abundantes exemplos.

Como tal, de resto, o apresenta Gianfranco Angelucci, numa espécie de síntese inicial que tem por título “*Fellini-Satyricon* a Milano”. Ao contextualizar o filme nos anos sessenta, época dos “hippies”, os “filhos das flores”, está a apontar, de alguma forma, as linhas-mestras que orientam muitos dos trabalhos agora dados à estampa. Baseado no seu conhecimento pessoal do realizador, com quem mantinha uma relação de amizade, Angelucci dá testemunho dos passos por ele seguidos, da estratégia que concebeu, do modo polémico e desafiante como a foi concretizando. Ficamos a saber que o filme é “a viagem pela morte” que ele não conseguiu concretizar com um anterior projecto, o *Mastorna*; e que, com o *Satyricon*, logrou superar a morte, traduzindo-a em vida.

Nicola Pace, um conhecedor da literatura latina, fala de uma lente dupla ou, antes, recíproca: “La doppia lente: Petronio attraverso Fellini overo Fellini attraverso Petronio”. Do que fala, no fim de contas, é do diálogo constante entre Fellini e o seu consultor, como hoje se diz, Luca Canali, professor de Literatura Latina que acompanhou todo o percurso de realização do filme. Aí se vê como o realizador italiano via o mundo romano e lia Petrónio através de um filtro – o filtro dos seus próprios sonhos e das suas próprias ideias.

O mesmo Nicola Pace reproduz, em discurso directo, a ilustrar quanto antes dissera, um diálogo que manteve com o próprio Luca Canali: “Colloquio con Luca Canali su *Fellini-Satyricon*”. Dele obtém um testemunho claro: Fellini ouvia o que lhe era dito pelo especialista em Literatura Latina; e, além disso, lera muito, antes de dar início à concretização do projecto: monografias históricas, obras de referência. Curioso, senhor de uma complexidade fascinante (próximo de Eumolpo, segundo Canali), recusou partir com ligeireza para aquela que viria a ser a obra da sua vida.

“L’immagine dell’antico nel *Fellini-Satyricon*” é o título do contributo de Fabrizio Slavazzi. É, acima de tudo, uma apreciação dos elementos vários de que é feita a película: o muro; as termas; o lupanar; a pinacoteca; a casa de Trimalquião; o triunfo do Imperador; a “Villa dei suicidi”; o Hermafrodita; o labirinto; o Jardim das Delícias. Na sua esmagadora maioria e salvo raras excepções são cenários que se afastam substancialmente de qualquer modelo concreto, antes cruzam espaços conhecidos e desvendados pela Arqueologia com a imaginação do cineasta, não raro influenciado, segundo Slavazzi, pela obra de André Malraux.

Emilio Sala escreve sobre “Qualcosa di arcaico e di modernissimo al tempo stesso”. O objectivo, agora, é o estudo da banda sonora do filme. Define o mundo de Fellini como “um mundo estranho”, onde se cruzam os discos da *Colecção Unesco* com *A musical anthology of the Orient*, que o realizador terá compulsado meticulosamente. Daí que o fio condutor da banda sonora tenha um traço fortemente “errático”, onde é visível a presença do compositor turco Mimaroglu, a dar-lhe uma nota de originalidade e exotismo que é, afinal, uma das suas marcas dominantes.

De música, em boa parte, fala também Marco Del Santo: “Tra i nostri mari e i nostri alberi vaghiamo, immersi nella miseria: Il *Preludio* a un viaggio nella «sconosciutezza»”. Aqui voltamos a encontrar Ilhan Mimaroglu, decididamente uma presença regular nos sons do *Satyricon*.

Discorre sobre a linguagem Andrea Scala, em “Diverse lingue, orribili favelle? In margine al multilinguismo del *Fellini-Satyricon*”. Estuda o italiano do filme, nas suas variedades regionais, o latim, “duro como pedra”, circunstância reforçada pelo recurso à pronúncia restaurada, o grego (com um pouco de turco), quase todo ele tomado da lírica grega, sobretudo de Píndaro, a par de outras línguas.

“«... Vitrea fracta et somniorum interpretamenta?»: *Fellini-Satyricon* e l’arte contemporanea, tra originario, fantascienza e beat” é o título do texto de Giorgio Zanchetti. É um título que fala por si. Segundo o autor, o olhar sobre a Antiguidade teria sido filtrado pela cultura “hippy” e psicadélica. Os exemplos, suportados em múltiplas imagens, são abundantes e, valha a verdade, convincentes, assim demonstrando o modo como, neste diálogo entre artes e culturas, o realizador fez conviver as reminiscências do mundo romano, que lhe serviram de motivo inspirador, e a sua própria visão de um outro mundo, seu contemporâneo, no qual forjou a sua personalidade.

No mesmo sentido aponta Elisabetta Galletti, em “La percezione dell’antico: I Romani di *Fellini-Satyricon* tra Musei Capitolini e «Harper’s Bazaar»”. É um título expressivo, uma vez mais, num trabalho que, assente, de novo, em profusão de gravuras e reproduções fotográficas, deixa claro que a arte que no filme encontra expressão combina, à uma, o antigo, o contemporâneo e o étnico, por forma a evitar “uma reconstrução demasiado erudita da Antiguidade”.

Um tanto à margem deste diálogo com o mundo clássico é o contributo de Raffaele De Berti, intitulado “Riflessi di *Fellini-Satyricon* nella stampa periodica illustrata contemporanea”, que analisa o modo como a imprensa, em especial a italiana, foi acompanhando a produção do filme e como recebeu, depois, o resultado final.

Elisabetta Galletti apresenta, depois, um estudo comparado sobre as duas obras em diálogo: “*Satyricon* di Petronio e *Fellini-Satyricon* – una comparazione”; e fornece-nos vários quadros sinópticos onde são cotejados ambos os textos.

Por último, Giuseppe Bartesaghi apresenta um breve estudo (ou, por outra, breve, mas apoiado num longuíssimo apêndice documental), sobre “*Fellini-Satyricon*, la sceneggiatura audiovisiva”, trabalho, uma vez mais, um tanto à margem do diálogo entre culturas e artes e que compara, em vastíssimo quadro sinóptico, as cenas do filme, localizadas no tempo narrativo, as suas imagens, os diálogos e, por fim, os trechos musicais respectivos.

No estudo dos diálogos a que, no início, se fez referência, entre a arte contemporânea e a literatura e cultura clássicas e entre a arte, neste caso cinematográfica, e a literatura, este livro é um precioso instrumento de trabalho. Tanto mais que tem por base uma das obras-primas da cinematografia e um dos seus nomes de referência.

CARLOS ASCENSO ANDRÉ

DEMÓSTENES, *Discursos ante la Asamblea*, Edición de Felipe G. Hernández Muñoz, Akal/Clásica, 2008, ISBN 978-84-460-1807-0

Com provas dadas no estudo da oratória grega, particularmente Demóstenes, Felipe Hernández Muñoz apresenta-nos uma boa tradução de 13 discursos demosténicos.

A Introdução aparece dividida em 8 partes. Na primeira, intitulada “Demóstenes: perfis biográficos e históricos”, o autor começa por situar Demóstenes no contexto social da época: apresenta nomes de outros oradores, filósofos, narra episódios precedentes na história de Atenas. Em grande parte do restante texto que conclui este primeiro subcapítulo, o professor da Complutense de Madrid dá-nos boas referências biográficas da vida de Demóstenes: desde os primeiros passos em *Contra Áfobo* (discurso privado), passando pelos discursos políticos diante dos tribunais até aos discursos mais contundentes de luta contra Filipe. Depois de ser proposto para uma coroação pública, que levou o seu rival, Ésquines, a acusar o processo de ilegalidades, vê-se envolvido num caso de suborno, caso pelo qual é julgado. Escapa a exílios e condenações em Atenas, acabando por vir a morrer mais tarde.

Em “Los Discursos ante la Asamblea”, parte 2, Muñoz categoriza 3 tipos de discursos de Demóstenes: *demegorías* (políticos), *demósioi* (judiciais de assunto público) e *idiotikoí* (privados). O autor tem em conta que é difícil identificar quais os discursos autênticos de Demóstenes e qual a sua cronologia, mas serve-se da crítica filológica para explicar a sua análise, formulando um breve contexto histórico sobre cada discurso.

Em “Pensamento y estilo”, parte 3, em traços gerais, o autor apresenta uma resenha da actuação de Demóstenes perante a ameaça macedónica – lutar para que Atenas seja, juntamente com as outras cidades, um lugar de liberdade, “cooperação e amizade”. É influenciado e comparado a Platão,